

# Companhia Cinematographica Brasileira

A MAIOR LOCATARIA E EXHIBIDORA  
DE FILMS DO BRAZIL

A maior compradora dos mais sensacionaes  
films que se editam

Concessionaria das artisticas fabricas  
de films

**Gaumont e Ambrosio**

Representante dos Cinematographos  
Gaumont

CASA MATRIZ

*Rua Brigadeiro Tobias, 52*

**SÃO PAULO**

— o o —  
SUCCURSAL

*Avenida Rio Branco, 137*

**RIO DE JANEIRO**

AGENCIAS : Santos, Recife, Rio Grande do Sul  
Bahia, Curityba e Pará

Representante em Paris HENRY LEVY — Paradis 22

Representante em Italia ENEA MALAGUTI

Paleocopo, 2 — Milano



21559/3

1916

# THEATRO COLOMBO

COMPANHIA CINEMATOGRAFICA BRAZILEIRA

AMANHÃ - A FALENA - AMANHÃ



LYDA BORELLI

# A FALENA

EXTRAHIDA DA CELEBRE OBRA DE HENRY BATAILLE

A mais bella interpretação de LYDA BORELLI

Nem sempre será dado ao espectador apreciar um trabalho de tanta arte, tanta verdade e tanta belleza, qual este que hoje entregamos ao seu applauso. Film como este, enfeixando um romance grandioso, scenas estupendas e desempenho aprimorado, não se encontra a todo o momento e, portanto, justo é que para elle chamemos a atenção especial da nossa sala, que representa o mundo elegante e intellectual do Rio de Janeiro.

LYDA BORELLI não precisa de apresentação. Seu nome vale mais do que um programma, pois elle significa ARTE e BELLEZA. A mulher fascinante e formosa e a artista incomparavel formam um todo que se chama Lyda Borelli, a protagonista sem rival da "**Marcha Nupcial**" de Henry Bataille, o film de successo que, não ha muito, o ODEON proporcionou aos seus frequentadores.



Théa de Marlieu, condessa de sangue e artista de nome, achava-se em Roma com sua mãe quando ambas foram convidadas a tomar parte em uma festa de beneficencia promovida em casa do principe de Thieste. Moça, muito moça

*Brevemente :*

**Avatar** (*troca de almas*)

INTERPRETE :

a celebre artista russa

**SOAVA GALLONE**

**HYPOCRISIA** *ou a*

**VERDADE NUA**

sensacional trabalho artistico

**TERRA REAL**

assombroso tr.

*na Menichelli*



E é facil presa do ignoto conquistador . . .



O baile dos artistas.—Théa, segundo o seu proposito, abandona-se a uma  
desenfreada embriaguez



Irei tambem ao baile dos artistas

carta de despedida. Confia ao papel, de mistura com as perolas que lhe rolam pela face já cavada, todo o seu sentimento. Conta-lhe que ouviu cantar os últimos versos do poema de sua vida, poema de amor; o seu organismo ferido de morte, o seu corpo que já se consome, não pode ser entregue á sadia musculatura daquelle que pensaria encontrar nella a companheira á altura da sua paixão. E estava escripta aquella carta de dôr, quando a artista tem um movimento de revolta e joga para a gaveta o papel que não mais enviaria. Para que? Seria uma mensageira de dores e despertaria piedade: não quer essa piedade e prefere que Felipe a abandone.

Então um plano atroz se forma em seu cerebro: descer até ao lodaçal da deshonra, até onde não a seguiria o noivo; elle lhe terá nojo e abandonará... Lavignier, o adorador e dedicado amigo é prevenido, e Théa se prepara para ir ao *bal masqué*. Pobre Théa... Tão pura, tão linda, ia para a orgia, mas ia para o sacrificio. E ella se despede de si propria, e os labios collados ao vidro polido do espelho, dá á sua imagem o ultimo beijo de virgem...

\* \* \*

Quiz o acaso que o principe visse sahir sua noiva e a seguiu e, então, tambem elle mascarado, viu-a entregue á orgia, e seguindo o seu louco proposito, entregar-se á mais desenfreada embriaguez, perdendo o recato e arrancando a mascara, para executar aquelle bailado indiano, mostrando o seu corpo soberbo... Então um *noceur* elegante sussurrou-lhe ao ouvido... e ella se foi, facil presa daquelle conquistador ignoto.

Em chegando á casa, já Théa encontrou sua mãe de pé, que a fôra acordar o principe, e, en-



vergonhada de sua mãe, a virgem de hontem cobre sua nudez com as lindas e cheias madeixas que lhe caem sobre o hombro. Então Felipe quiz lançar-lhe em rosto toda a hypocrisia que se aninhava em seu peito, mas Théa lhe entrega a carta que escrevêra... Era a confissão. Mesmo assim, o principe quiz repellil-a, visto que o seu idolo de amor estava coberto de lama; mas aquella carne palpitante, estuante de vida, que a tuberculose ainda não conseguira dominar, exaltou-lhe os sentidos e foi um beijo longo que os uniu.

Então um novo juramento de amor os uniu. Ella morreria dentro em pouco? Que importa, gozariam esse pouco... E tres annos de vida, assim gosados, valeriam por cem. E partiram.

\* \* \*

E um novo anno se passou sobre aquelles amores. Agora estão em Roma de volta das excursões que se diriam de lua de mel. Bastára um anno, porém, para que Théa comprehendesse que já não era amada com aquelle ardor e, quando certo dia chegaram á "villa" onde elles se aninhavam, a mãe de Théa, e conhecimentos do casal, entres elles a linda duquezinha de Ousque, prima do principe, a amante comprehendeu que perdia o bem amado. Em vão ella quiz architectar com Lavignier, o amigo de sempre, uma scena de amor para despertar ciumes... Elle não mais quiz saber da amante, para cuidar da duquezinha que receberia, mais tarde, o seu titulo de princeza. Então Théa comprehendeu que nos seus beijos já haviam os bacillos terriveis, e que Felipe fugia ao contacto... No emtanto, não fôra isso que elle promettêra.

Abandonada... Ha seis mezes que não tem noticias de Felipe e, naquella noite que pas-



Um ramo de rosas brancas, era a quotidiana lembrança de Felipe..



A arte não impediu que o amor apertasse os seus laços

sava por Paris, elle lhe escreveu: — desse-lhe a esmola de uma visita, seria a ultima, de despedida... E Théa, na sua fantasia de artista, julgando que o principe não faltaria ao seu pedido, organisou no palacete que occupava, uma festa pagã e ao redor da mesa baixa se estendem os leitos, emquanto uma escrava baila á egypcia e creados á romana servem as amphoras de vinho espumante.

Mas Felipe tarda e a amphitryã pede a Lavignier que o vá buscar, supplicando-lhe a esmola. E o principe, que vae partir para sua viagem de nupcias, não pode ir, não quer ir, e é uma carta que a infeliz recebe: — para que lembrar um amor já ido, quando elles ja o haviam esquecido? Triste ironia de um peito que encontrára logar para um outro amor.. Então, um desejo ultimo assaltou aquelle corpo que ia morrer e Théa que se sabia ainda bella, de esculptura quasi divina, quiz dar aos seus convivas, áquelles amigos que sempre a acompanharam, o espectáculo divino da exposição de suas formas... Foi o seu ultimo acto. Eil-a que repousa no *divan* onde pede que a deixem descançar emquanto fuma uma cigarrilha...

E foi assim, dormindo pelo effeito mortal que se continha naquellas boquilhas que se diariam inoffensivas, que ella se foi, mansamente, sem um gemido, sem uma contracção no rosto que se conservou lindo.

E findou-se o romance de Théa, a artista divina.





Desejaria que um sarcophago fosse o meu tumulo, queria esculpil-o eu mesma...



Mas as palavras não exprimiam aquillo que o coração começava a sentir...